

S. Roque

S. Roque orgulha-se de ter sido a primeira terra a fabricar vidro em Portugal, na Quinta do Côvo. De facto, por ter nascido aqui, no século XV, a unidade industrial vidreira mais importante do País - a Fábrica do Côvo - foi designada como "Raíña do Vidro em Portugal".

O usual designativo da freguesia até ao século XVII foi o de Vila Chã Serrana (ou Serrã), eclesiasticamente o de S. Pedro de Vila Chã, dado que era, por um lado, uma região relativamente plana, e por outro, aproximava-se das linhas de alturas do nascente do Município.

O designativo São Roque surge como definitivo da difusão do culto deste santo pela Segunda metade do século XVI, época em que foi trazida para a igreja uma imagem e instituída uma irmandade.

Vila Chã S. Roque é referenciada, inicialmente, num documento de 1121, através da doação a D. Diogo Salmil pelo bispo de Coimbra D. Gonçalo, passando mais tarde para o Cabido do Porto, em cujo padroado se manteve a sua velha igreja de S. Roque.

O nome de Vila Chã surge novamente em 1211, numa carta de venda, feita por um tal Gonçalo Gonçalves e Urraca Martins ao Cabido da Sé do Porto e ao seu deão, Durando, de uma herdade sita nesta freguesia e na de Olivar (antiga Oliveira de Azeméis), pela quantia de 300 maravedis.

Segundo as Inquirições Afonsinas, em Vila Chã, o rei não possuía terra alguma e apenas cobrava o imposto de nove quartos de talhamento do pão. Mais tarde, em 1288, por novas Inquirições ordenadas por D. Dinis, averiguou-se que havia, desde tempos imemoriais, uma quinta privilegiada, no lugar de Vila Chã, pertença de Fernando Gonçalves, senhor da freguesia.

Não entrava nela o mordomo, antigo oficial de justiça encarregado de citações e execuções e pagava-se por dois casais no lugar de Samil (Saamir), três soldos e por toda esta honra, terra privilegiada, como já se dizia nas Inquirições de 1251, nove quartos de pão.

S. Roque aproveita também do foral concedido por D. Manuel I à vila da Feira e Terra de Santa Maria.

Na Idade Média, ergueu-se aqui um curioso castelo, chamado da Lomba, e que teve assento o solar da família Castro e Lemos, na vasta quinta do Côvo, tendo capela privativa, hospedaria para visitantes ilustres e uma grande coutada para caçadas anuais ao coelho e ao javali.

A Quinta tem a forma de um polígono quase regular, sendo atravessada pelo rio Antuã e pela estrada que liga as cidades de Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra. Da casa primitiva pouco resta, devido às grandes alterações que sofreu ao longo dos tempos.

A casa actual constitui uma das mais importantes vivendas de província, verdadeira residência senhorial.

O edifício para habitação, com 40 divisões, foi reedificado em 1850, e conjuntamente com as antigas fábricas de vidro, forma uma povoação.

A capela privativa, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, de linhas barrocas, foi mandada erigir pelo pai do Conde do Côvo, em 1862. Em princípios do século XX, a laboração de vidro que ali existiu durante quatro séculos consecutivos, foi definitivamente parada, dando-se novo destino às construções industriais, adaptando-as às explorações pecuária e agrícola.

Nesta quinta passou Eça de Queirós tempo suficiente para colher motivos para alguns dos seus livros, como por exemplo, "A Capital" e "A ilustre Casa de Ramires".

Actualmente, a Quinta do Côvo dispõe de cerca de 500 hectares de área, 50 Km de caminho para passeios equestres, uma escola de equitação e uma espécie de hotel para cavalos. Para além da famosa Quinta do Côvo, merecem ainda destaque a Igreja Paroquial, de S. Pedro, cujo edifício anterior teria sido acabado em 1590 ou 91, sendo o actual da fase de transição seis-setecentista; a Capela de Santo António, sita em Bustelo, um edifício inteiramente renovado em 1881, existindo, em frente, um cruzeiro com a mesma data; a Capela de Samir, uma capela isolada e dependente duma casa lateral (1885), inspirada nos temas tradicionais, mas obra de construtor regional.